

ANTON PANNEKOEK E OS PARTIDOS POLÍTICOS

Renato Dias de Souza*

Neste artigo discutiremos o processo de constituição da concepção de partido político de Anton Pannekoek e sua relação com as lutas do operariado pela construção da autogestão social¹, sobretudo nas primeiras décadas do século XX. O que nos é possibilitado pela consideração da historicidade, na qual, o autor produz suas ideias e participa do debate acerca do papel dos partidos políticos na vida do operariado. Sua produção intelectual é resultado da ação que empreende em meio as lutas sociais do seu tempo e torna-se compreensível se relacionada à totalidade em que se constitui, pois, “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (MARX E ENGELS 1984, p.23). Portanto, a compreensão da sua concepção de partido político, um dos aspectos da sua profícua produção, requer reconstituirmos o seu processo de formação a partir da consideração de que a consciência é indissociável do ser social que a desenvolve (VIANA, 2008b, p. 83). Por sua vez, dá grande contribuição às lutas do operariado na primeira metade do século XX e sua obra ainda instiga a luta contra as organizações burocráticas; os partidos políticos, sindicatos etc.

Em meio aos conflitos sociais de seu tempo, Pannekoek e os comunistas de conselhos, constituíram suas posições acerca dos partidos políticos. Considerando as especificidades que são próprias a cada autor, o caminho mais apropriado, a partir do que sugere o próprio Pannekoek, será associarmos aos diversos sistemas de pensamento,

* Historiador graduado pela Universidade Estadual de Goiás/UEG.

¹ Referimo-nos às lutas do operariado pela apropriação coletiva dos meios de produção, o fim do antagonismo entre o processo de produção coletiva e a apropriação privada do seu produto e consequentemente a autoemancipação do operariado. Trata-se da luta pela socialização e se distingue radicalmente das experiências históricas burocratizantes que tinham como fim a estatização dos meios de produção. São momentos na história da classe operária em que sua ação tem como objetivo a construção da sociedade comunista. O termo “autogestão social” surgiu no século XX, em manifestações que contestavam a sociedade capitalista, porém passou a ser remetido a experiências históricas anteriores com o objetivo de evitar confusões entre o significado dessas lutas e o capitalismo de Estado que erroneamente é chamado de “comunismo” por diversos agentes e meios de comunicação. Enquanto o comunismo, na realidade, é a autogestão social ao invés do capitalismo de Estado.

seus conteúdos filosóficos e a subjetividade às origens sociais e históricas que lhes dão sentido (PANNEKOEK 1938, p.3). Suas posições acerca dos partidos políticos estão relacionadas à sua atuação na socialdemocracia em um primeiro momento, depois ao ofuscamento provocado pelo bolchevismo e finalmente ao comunismo de conselhos.

Na obra de Pannekoek temos a perspectiva do marxismo como a teoria revolucionária da classe operária e sua negação enquanto corpo doutrinário onde a sua potencialidade dá lugar à contemplação a-histórica da realidade social. Contrapondo-se a isso ele compreende o marxismo na sua indissociável vinculação às lutas sociais do operariado.

Assim, o marxismo, teoria da revolução operária, não é na realidade e, ao mesmo tempo, uma força mais viva que no espírito e o coração dos operários revolucionários... Isto supõe que o marxismo não pode ser uma doutrina imutável ou um dogma estéril que impõe suas verdades (PANNEKOEK 1938, p.9).

Outro aspecto que destacamos é a compreensão de Pannekoek de que a consciência de classe não se constitui a partir do partido político como substituto do operariado na ação revolucionária. Ao contrário, concretiza-se no decorrer da luta de classes, quando a exploração a que o operariado está submetido dá lugar a práticas sociais contestatórias e construtivas.

Os primeiros sintomas dessas forças surgirão nos trabalhadores espontaneamente, a partir da sua exploração comum; desenvolver-se-ão incessantemente através das necessidades da luta, sob influência da experiência, do estímulo mútuo, da educação recíproca. Nascerão necessariamente, porque a sua expansão trará a vitória, ao passo que a sua ausência é sinônimo de derrota (PANNEKOEK 2007, p.45).

Marx e Pannekoek concluiriam que “a libertação dos trabalhadores terá de ser obra dos próprios trabalhadores” (PANNEKOEK, 1953, p 03). Chegaram a essa constatação a partir das suas atuações na luta do operariado e a reflexão que produziram a partir dessas. Foi a Comuna de Paris (1871), dois anos antes do nascimento de Pannekoek, fundamental para que o primeiro aprofundasse suas críticas às tentativas de tomada do Estado e sua condução como uma fase de transição para a autogestão social².

² Marx no seu texto sobre a Comuna de Paris (1871) deixa claro, que não é possível à classe operária contentar-se em tomar o Estado e colocá-lo para funcionar substituindo a classe que o controla. Devendo a “comuna”, organização autônoma dos trabalhadores, servir de “alavanca” para

Enquanto para Pannekoek as lutas do operariado, nas greves da Bélgica (1893), Revolução Russa (1905-1917) e na Alemanha (1918-1919) foram responsáveis pelo seu posicionamento contrário a transferência da ação autônoma do operariado para os dirigentes dos partidos políticos (PANNEKOEK 1953, p.5).

Pannekoek, anteriormente, havia ingressado no Partido Operário Socialdemocrata da Holanda e com Herman Gorter e Frank Van Der Góes constituíram um grupo à esquerda no seu interior (PANNEKOEK 2007 p.10). Desse modo, no final do século XIX já dava sua contribuição intelectual ao movimento operário, momento em que na Holanda o capitalismo era o resultado das condições de um país que desde o final do século XVI até a maior parte do século XVIII teria exercido a hegemonia de um dos ciclos sistêmicos de acumulação.³ O que levou com que a burguesia holandesa ao final deste período se transformasse nos “banqueiros da Europa”, segundo Arrigui (1996). Esse processo de acumulação de capital não poderia se dar de outro modo, já que procurava atender os interesses da classe dominante, que não fosse através de uma extensiva exploração do operariado.

No entanto, não devemos nos esquecer que o processo de produção é, ao mesmo tempo, um processo de exploração da força de trabalho e valorização da mercadoria. Então as lutas do operariado contra a ação do capitalista acabam opondo ao segundo obstáculo a continuidade desse processo (VIANA 2008, p.67-68). O surgimento da socialdemocracia holandesa, de inspiração anarco-sindical, é uma das tantas tentativas do operariado de se organizar em oposição à continuidade do ciclo de acumulação de capital. O que gerou, entre outras organizações, os partidos políticos.

a derrubada das bases econômicas em que se sustenta a existência das classes e sua dominação (MARX 1986).

³ Giovanni Arrigui procura discutir a história do capitalismo a partir dos ciclos sistêmicos de acumulação. Esses correspondem aos diferentes momentos do processo, no qual, nas fases de expansão material o capital-monetário “coloca em movimento” uma massa cada vez maior de produtos, entre eles, a força de trabalho. Enquanto nas fases de expansão financeira uma massa crescente de capital monetário “liberta-se” da sua forma mercadoria levando com que a acumulação continue através de acordos financeiros. A junção dessas duas fases constitui um ciclo sistêmico de acumulação (DMD’) (ARRIGUI 1996, p.06). A hegemonia, neste caso, se refere “à capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas” (ARRIGUI 1996, p.27). Neste artigo nos interessa enfatizar, exclusivamente, a referência que o autor faz ao capitalismo na realidade específica da Holanda onde também atuou Pannekoek.

Nesse momento não se tratava da organização burocrática, na qual se transformaram posteriormente a partir do final do século XIX, e o “Manifesto do Partido Comunista” (1848) de Marx e Engels é um exemplo do quanto era distinta essa forma de organização partidária. Nesse, os comunistas são os que através da autogestão das lutas operárias postulavam o fim da sociedade dividida em classes sociais e onde a emancipação do operariado seria resultado das suas próprias ações. Tratava-se de tomar parte na luta dos que pretendiam construir o “poder social” do operariado e que nada tem a ver com os partidos políticos que tem como fim a democracia representativa ou a mudança restritamente política da classe que exerce o poder⁴.

Foi no desenrolar das lutas da classe operária entre a Revolução Industrial e o final do século XIX, durante o regime de acumulação extensivo, que o operariado criou organizações como os sindicatos e partidos⁵. Experiências históricas em que o operariado autogeriu suas lutas, como a Comuna de Paris, e os próprios limites de reprodução global do capitalismo que se utilizava da extração de mais-valia absoluta, determinaram o fim deste regime de acumulação caracterizado pelas extensas jornadas e exploração do trabalho precoce e feminino. No entanto, quanto à configuração do Estado liberal esse apoiava-se em práticas democrático-censitárias enquanto nas relações internacionais entre os Estados predominava o neocolonialismo como prolongamento de práticas coloniais, agora, sob hegemonia inglesa e ascensão da burguesia industrial (VIANA 2005, p.33-34).

⁴ Cabe recordar que ao falarmos em “poder social” nos referindo ao que posteriormente conhecemos como autogestão social. No caso, a apropriação dos meios de produção pelos produtores e o fim da subordinação do trabalho ao capital. Sendo, para Marx e Pannekoek, a ditadura do proletariado o período de transição para essa condição. O que não é análogo ao processo vulgarmente conhecido como “ditadura do proletariado” nas experiências históricas bolcheviques. Essa expressão utilizada pelos dois autores tem um significado completamente distinto do que nos legou exemplos como a Revolução Russa. Neste artigo vemos que diante da luta do operariado, Marx e Pannekoek, abandonaram a ideia de transição e reforçaram a necessidade da autogestão como meio e finalidade ao invés do controle estatal por uma classe que substituiria a anterior. O que demonstraremos nas páginas posteriores.

⁵ Os regimes de acumulação são processos pelos quais se dá a reprodução ampliada do capital, sua centralização e concentração. O que geram crises cíclicas e tendência declinante da taxa de lucros. Devido ao desenvolvimento das forças produtivas, que diminuem a utilização da força de trabalho, e consequentemente a valorização das mercadorias. Esses regimes, subsequentes na história do capitalismo, se caracterizam por formas específicas assumidas nos processos de valorização, nas configurações do Estado e determinadas relações internacionais (VIANA 2005, p.32-52).

Na Europa Ocidental uma das lutas da classe operária seria pelo sufrágio universal e essa se devia, segundo Pannekoek, às condições do capitalismo daquele período e a impossibilidade de se imaginar a classe operária estabelecendo a autogestão da sociedade naquele momento.

É facilmente compreensível que, no século XIX, quando os trabalhadores estavam começando a resistir e lutar, mas não estavam ainda aptos para tomar o poder na sociedade, este ideal socialista tenha encontrado numerosos adeptos. E isto não só entre a pequena burguesia socializante que simpatizava com as massas oprimidas, mas também entre os próprios trabalhadores. Estes viam a libertação da sua servidão concretizar-se pela simples expressão da sua opinião no voto, pela utilização do poder político representado pelas eleições, meio para por no governo os seus salvadores em vez dos seus opressores (PANNEKOEK, 1938, p.69)

Essas lutas, posteriormente, levariam à substituição da democracia censitária pela democracia partidária. Foi uma conquista do movimento operário organizado e levou ao surgimento do primeiro partido socialdemocrata, na Alemanha, em 1875. Era o resultado da fusão entre “marxistas” e “lassalistas” no Congresso de Gotha. Depois esses se multiplicariam, intitulando-se “socialistas”, “trabalhistas”, “dos operários”, “dos trabalhadores” etc. (VIANA 2003, p.45). Seria declarado ilegal, em 1878, só retornando a legalidade em 1890. Não demorou para que o marxismo – expressão teórica da revolução operária – fosse deformado e dividido em duas correntes: a socialdemocracia e o bolchevismo. Então, a partir de agora, podemos falar em partidos políticos modernos. O ideal da revolução e destruição da exploração capitalista, nessas organizações, foi progressivamente substituído pelo imediatismo que adota como fim reformar o capitalismo⁶ (VIANA, 2003, p.44).

Sugerimos uma primeira caracterização para a concepção de partido político de Anton Pannekoek: instrumento à disposição do operariado para a efetivação de “reformas socialistas”. Em um momento em que as novas condições em que se encontrava a classe operária, com o surgimento do regime de acumulação intensivo onde configurou-se o Estado liberal-democrático, fez com que a democracia censitária fosse

⁶ O livro de Rosa Luxemburgo, “Reforma ou Revolução?” (1900), trata explicitamente do debate na socialdemocracia alemã acerca da questão de se chegar ao socialismo através de reformas ou da revolução. A autora explicita ideias que depois viriam reunir a oposição ao reformismo socialdemocrata, e a defesa da ruptura completa, através da revolução.

substituída pela democracia partidária e a socialdemocracia preconizasse a atuação via parlamento (VIANA 2005, p.34-35). O que Pannekoek, ao discutir os diferentes tipos de reformas, não refutara. Defendendo “reformas socialistas” que, fossem capazes de superar as reformas de tipo burguês, e criar condições para a conquista do poder político pelo operariado. Enfatizava-se a disputa com os partidos burgueses do espaço institucional até que se conquistasse o poder político do Estado: “depois da revolução, o operariado atuará em seu próprio interesse, fazendo que a máquina estatal trabalhe para ele” (PANNEKOEK, 1908).

Nessa perspectiva, a conquista do poder político, definida como a tomada do Estado, criaria as condições necessárias para radicalizar um processo de reformas que significavam passos decisivos rumo à autogestão social⁷. Neste contexto, a socialdemocracia alemã pelo menos até 1914, apresentava-se como o movimento socialista mais forte e organizado e influenciara a socialdemocracia em toda a Europa (TRAGTENBERG 1989, p.28). O processo de burocratização pelo qual passara já a diferenciava das suas primeiras lutas pelo sufrágio universal.

Na Holanda já era possível assistir a escolha dos candidatos ao parlamento, que diziam representar o operariado, ser feita pela direção do partido e perpetuar os parlamentares e a direção do mesmo. Na Alemanha através das suas direções os partidos se negavam a financiar as candidaturas dos que não aprovassem (MICHELS, 1982, p. 67-87). À medida que o reformismo avançava dentro do Partido Operário Socialdemocrata da Holanda, Pannekoek e Gorter, se afastariam e criariam o Partido Socialdemocrata. A defesa do primeiro pela atuação parlamentar por reformas, mesmo que as diferenciando das “reformas burguesas”, e da necessidade da conquista do Estado legitimava a democracia partidária e a fortalecia.

Pannekoek, no artigo “Esperança no Futuro” (1912), esclarece que às reformas estaria destinado o papel de criar as condições de modernização do capitalismo

⁷ “O rechaço a reforma é mais anarquista que socialista. Está tão pouco justificado como a concepção reformista. A revolução não pode ser oposta à reforma, porque está composta, em última instância, de reformas, porém de reformas socialistas” (PANNEKOEK 1908, p. 1).

favorecendo para que o operariado chegasse pacificamente à autogestão social. O que levaria os partidos burgueses a se opor a elas. Neste momento com as mudanças que ocorreram nos partidos políticos e sua assimilação ao capitalismo, a defesa de Pannekoek da realização de reformas através da ação dos partidos, é contraditória à perspectiva sempre presente na sua obra de emancipação do operariado através da revolução. Visto que os métodos de governo da democracia representativa são em si mesmos meios de atenuação dos conflitos sociais em geral e da luta de classes.

No final do século XIX, o regime de acumulação intensivo, que duraria até a Segunda Guerra Mundial iniciou novas práticas de exploração da mais-valia que consistiam em uma maior racionalização da produção com a “organização científica do trabalho” (taylorismo) (VIANA 2005, p.34-35). Então predominaria na Europa Ocidental a exploração da mais-valia relativa e a democracia partidária procuraria circunscrever através da burocratização dos partidos as lutas do operariado aos seus limites institucionais. Nesse contexto, as reformas exigidas nos programas dos partidos socialdemocratas, eram também reclamadas nos programas dos partidos burgueses⁸. Os limites que se colocavam no horizonte da luta do operariado ficariam claros com as decisões dos partidos políticos, socialdemocratas e burgueses, acerca da participação dos seus respectivos países na Primeira Guerra Mundial.

Em alguns de seus textos Pannekoek evidencia o debate no interior dos partidos socialdemocratas, sobretudo o alemão, acerca da importância das ações de massas. Essas na Rússia (1905) e na Prússia (1908-1910) foram consequência da força crescente do operariado e do imperialismo como fase do capitalismo (PANNEKOEK, 1912 p.2). Enquanto a posição de Karl Kautsky⁹ era refratária a essas novas formas de organização

⁸ Entre as reformas, com algumas constando tanto no programa dos partidos socialdemocratas como no dos partidos burgueses, estavam: o sufrágio universal onde não fora conquistado, a representação proporcional, a eleição de magistrados pelo povo, a autonomia comunal, o armamento geral do povo (substituindo os exércitos), a religião como assunto privado, as melhorias na educação, os impostos progressivos sobre as fortunas, legislação protetora do trabalho; fixando a jornada de trabalho diária, proibindo trabalho infantil noturno, reclamando segurança e higiene aos trabalhadores e seguridade. Tratavam-se de reivindicações imediatas e que seriam possíveis de ser alcançadas mesmo dentro do capitalismo (PANNEKOEK, 1912b).

⁹ Karl Kautsky era vinculado à Segunda Internacional e esteve envolvido em debates com Anton Pannekoek e Rosa Luxemburgo onde discordavam frontalmente quanto a questões de organização do operariado.

das quais o operariado lançava mão no enfrentamento às novas formas de exploração disseminadas.

Segundo Kautsky, havia duas formas de ação do operariado e as considerava radicalmente diferentes: a primeira eram as formas de lutas operárias já conhecidas onde um pequeno grupo (“os trabalhadores organizados”) leva adiante a luta política e sindical e a segunda era a ação da grande massa “desorganizada” que por algum motivo se rebela e intervém nos acontecimentos históricos. Esse questionava se no futuro a primeira seria a única forma de mobilização do operariado ou se a segunda também teria um papel importante na sua organização (PANNEKOEK, 1912 p.9). Enquanto Pannekoek se posiciona diante dessas ações de massas em contraposição a Kautsky que prioriza a primeira forma, os velhos métodos, em detrimento dessas novas formas de organização utilizadas pelo operariado;

A alternativa não é afirmar que nossas lutas têm de ser massivas e que a massa desorganizada haverá de aparecer na cena política, sendo outra coisa: uma determinada e nova forma de atividade dos trabalhadores organizados. O desenvolvimento do capitalismo moderno tem imposto ao operariado com consciência de classe essas novas formas de ação (PANNEKOEK, 1912 p.9).

Há nessa sua posição a refutação dos aspectos que possibilitem o controle das organizações burocráticas sobre os movimentos autônomos da classe operária. “Se nós falamos de ações de massas e sua necessidade, referimo-nos à atividade política extraparlamentar da classe trabalhadora organizada por meio da qual ela mesma atua sobre a política intervindo de forma imediata e não através de representantes” (PANNEKOEK, 1912, p.9). Isso não significa que tenha uma concepção romântica das ações de massas e reconhece a possibilidade de que essas possam ser revolucionárias ou não. Também não é fetichista quanto a essas, pois, destaca a importância em considerar as distintas características entre as modernas formas de mobilização e as antigas. O que é determinado pelo caráter da classe predominante nessas modernas formas de organização, o operariado, diferindo das que protagonizaram as antigas. Com isso, destaca o risco da homogeneização e a necessidade de considerar as especificidades das classes envolvidas, e sugere que o equívoco de Karl Kautsky seria ignorar essa distinção (PANNEKOEK, 1912 p.9-11).

Diante dessa situação, como nosso objetivo é compreender a concepção de partido político de Pannekoek, vejamos o papel que atribui a este nas ações de massas:

A tarefa da socialdemocracia – na forma das organizações partidárias atuais ou em qualquer outro organismo em que tome corpo – é a de ser a expressão espiritual daquele que vive na massa, conduzir sua ação e dar-lhe forma unitária (PANNEKOEK, 1912 p.12).

Quando fala em partidos políticos como instrumento a serviço do operariado na efetivação de “reformas socialistas” só o admite na medida em que essa forma de organização não constitua um corpo burocrático que negligencie os interesses do operariado. Justificava essa posição por considerar que tanto essas reformas como a ação do partido não tinham como fim a restrita tomada do Estado.

A luta do proletariado não é simplesmente uma luta contra a burguesia pelo poder do estado como objetivo, sendo uma luta contra o poder estatal. O problema da revolução social, se pode sintetizar dizendo que se trata de fazer crescer o poder do proletariado a tal ponto que este supere o poder do Estado (PANNEKOEK, 1912 p.4).

Outra crítica de Pannekoek é a ideia, reforçada pelo bolchevismo, de que a conquista do poder se daria rapidamente através da ação de uma minoria que assuma para si esse papel. Evidenciando que sua concepção de partido político está relacionada à conquista do poder político do operariado enquanto classe ao invés de uma minoria organizada em seu nome. Todavia, apesar de reconhecer a ilusão que representa essa ideia da ação de uma minoria na tomada do poder, ele não descarta completamente essa possibilidade e chega a aceitá-la como fator de desenvolvimento da luta operária. “Porém, a essência da revolução é por certo, algo muito distinto, a revolução é a conclusão de um processo de profundas transformações que muda totalmente o caráter e a essência das massas exploradas” (PANNEKOEK, 1912 p.4).

Então, procurando ressaltar que a revolução não tem como fim a continuidade da existência de qualquer forma de partido e o governo desse em nome da classe operária, acrescenta que “no transcurso destas lutas, a força do operariado, ainda insuficiente, crescerá o necessário para exercer seu domínio na sociedade” (PANNEKOEK, 1912 p.7). A revolução social, desse modo, é um processo de dissolução paulatina dos meios de poder da classe dominante e implica no operariado tomar em suas mãos a organização da produção (PANNEKOEK, 1912 p.7).

Na sua polêmica com Kautsky acerca do papel dos partidos socialdemocratas nas ações de massas modernas, não aceita que seja adotado como nova tática o pressuposto de que a direção do partido deve ter como sua tarefa conter quando possível essas ações ou proibir a discussão sobre as novas táticas em nome dos velhos métodos de atuação, já que isso colocava o interesse da organização acima da ação preconizada pelo operariado (PANNEKOEK, 1912 p.13). Portanto, na perspectiva de Pannekoek, a luta do operariado se transforma, se amplia, quando inclui novos e poderosos meios de luta. Em circunstâncias como essas considera que o partido tenha como tarefa despertar a consciência da classe operária quanto à sua ação.

Nossa tarefa como partido é despertar nas massas uma clara consciência deste acontecimento, de suas causas e também de suas consequências. Nós devemos esclarecer exaustivamente que a situação que deriva do aumento das lutas de massas não é casual, da qual não se pode dizer nada, sendo que é uma situação persistente e normal para o último período do capitalismo. Nós devemos ressaltar que as ações de massa realizadas até o momento são o começo de um período da luta de classes revolucionária, na qual o proletariado, no lugar de esperar passivamente que catástrofes exteriores estremeçam o mundo, ele mesmo, em constante ataque e avançando por meio de seu trabalho sacrificado, deve ir construindo seu poder e sua liberdade (PANNEKOEK, 1912 p.13).

Nas organizações burocráticas, as decisões da sua direção está acima dos interesses dos que dizem representar, Pannekoek, antecipando-se a essa contradição esclarece que as decisões do partido não são determinantes fundamentais do desenvolvimento histórico e os que acreditam que o partido possa fazer ou impedir um movimento revolucionário ignoravam esse aspecto. O que não quer dizer que o partido com suas decisões não tenha qualquer participação no processo histórico. Entretanto o partido do qual Pannekoek falava, em termos teóricos, na realidade era superado pelo processo de burocratização. “Ele não pode ser outra coisa que o núcleo combativo de toda ação proletária e por isso se ganha, com razão, todo o ódio com que os defensores do capitalismo o perseguem a cada movimento revolucionário” (PANNEKOEK, 1912 p.17).

Segundo Pannekoek, as ações de massas e a atuação dos partidos do operariado devem ter como finalidade a revolução; “em nossa visão, a revolução é um processo cujas primeiras fases estamos experimentando agora, pois é só mediante a luta pelo poder mesmo que as massas podem agrupar-se, instruir-se e constituir-se em uma organização capaz de tomar o poder” (PANNEKOEK, 1912c, p.2). Essa não é algo a ser alcançada em

um futuro incerto mas construído pela ação cotidiana da classe operária que luta contra a sua exploração e com isso lança os fundamentos da sociedade autogestionária.

Coloca [as organizações proletárias] os fundamentos de uma humanidade que governa a si mesmo, decide seu próprio destino, e como primeiro passo nessa direção, expulsa a opressão alheia. Nela cresce o único instrumento que pode abolir a hegemonia da classe explorada; o desenvolvimento da organização proletária significa em si mesmo o repúdio a todas as funções da dominação de classe; representa a ordem autocriada do povo, e lutará de modo implacável para repelir e por fim à intervenção brutal e aos esforços despóticos de repressão que empreende a minoria dominante. É dentro da organização proletária onde cresce a nova humanidade, uma humanidade que agora se desenvolve pela primeira vez na história do mundo como uma entidade coerente; a produção está desenvolvendo-se como uma economia mundial unificada e o sentido de pertencimento recíproco está crescendo simultaneamente entre os homens, as firmes solidariedade e fraternidade que os ligam juntos como um organismo governado por uma só vontade (PANNEKOEK, 1912c, p.6).

Diante desses objetivos a que se propõe o operariado em várias experiências históricas, inclusive possibilitando a existência do marxismo como expressão teórica da revolução operária, é que deve o partido orientar sua ação. “O partido, como portador consciente das mais profundas sensibilidades das massas exploradas, deve instigar tal ação [greve de massas] como é necessário e assumir a direção do movimento” (PANNEKOEK, 1912c, p.9). Toda a importância que atribui a essa forma de organização do operariado se deve ao que supõe que o partido pretenda conquistar. No entanto, o que ocorria desde o final do século XIX até esses primeiros anos do século XX era o afastamento progressivo do partido dessas expectativas que nele depositava Pannekoek.

Entretanto nesse momento em que se transitava da configuração de um Estado de democracia censitária para a democracia partidária a conquista de direitos como o sufrágio universal era tida pelo operariado como uma conquista que conseguira mediante muitas dificuldades. Pannekoek não via incompatibilidade entre a atividade parlamentar e as ações de massas (PANNEKOEK, 1912c, p.11). Mas não se pode dizer o mesmo quanto à relação entre partido e massas. Visto que teceu duras críticas a ideia preconizada por Kautsky de que seria tarefa do partido, quando possível, conter os levantes das massas nos quais não estivessem contidos todos os elementos caracterizadores da possível vitória definitiva.

Se o partido tivesse como sua função conter as massas da ação mesmo que pudesse fazê-lo, então a disciplina do partido significaria uma perda para as massas de sua iniciativa e potencial para a ação espontânea, uma perda real, e não uma transformação da energia. A existência do partido reduziria então a capacidade revolucionária do proletariado mais do que a incrementaria (PANNEKOEK, 1912c, p.14).

Enquanto Pannekoek defendia que o partido teria o dever de instigar a ação revolucionária, já que o considera portador de uma parte importante da capacidade de ação das massas, mas que não pode fazê-lo como e quando quiser por não ter à sua disposição a vontade de todo o operariado. O que também o impede de comandá-lo como a uma tropa de soldados. Devendo esperar o momento correto, não bastando que as massas não esperem mais e estejam levantando-se por sua conta, é necessário que as condições despertem esses sentimentos e possibilite que haja êxito na ação (PANNEKOEK, 1912c p.14). Mas ainda que os seres humanos estejam determinados e impelidos pelo desenvolvimento econômico são esses que fazem sua própria história e o potencial revolucionário da indignação não deverá ficar inexplorado e dissipar-se em levantes desorganizados, mas tornado apto para o uso organizado na ação instigada pelo partido contra a hegemonia do capital (PANNEKOEK, 1912c, p.14).

Nesses textos, “Ações de Massas e Revolução” (1912) e “Teoria Marxista e Tática Revolucionária” (1912), no debate entre Karl Kautsky e Pannekoek são tratadas questões de organização, a validade da atuação parlamentar e a posição da social democracia sobre o que depois se tornou a Primeira Guerra Mundial. Foi a posição antimilitarista do segundo, nessa ocasião, e sua ruptura com a social democracia holandesa fundamentais para que acrescentasse um novo elemento na sua concepção de partido político; instrumento de poder do operariado, durante a fase de transição para o seu “poder social”. O elemento novo é que sua crítica à atuação via parlamento implícita se torna cada vez mais enfática. Agora, rejeitava-se a atuação parlamentar como meio de transformação e estreitava-se os laços com o grupo dissidente da socialdemocracia alemã (Liga Spartacus), que, assim como ele, se opunham à atuação dos parlamentares dos partidos socialdemocratas que apoiavam a guerra. Esses favoreciam o imperialismo, através da ideologia nacionalista, defendendo a posição bélica¹⁰.

¹⁰ O posicionamento da socialdemocracia, favorável à guerra, provocou uma grande cisão. Na Holanda a oposição reuniu Pannekoek, Herman Gorter e Roland-Host e na Alemanha, Karl Liebknecht

Nesses debates os críticos da posição belicosa dos parlamentares socialdemocratas identificavam, no discurso nacionalista motivador da guerra e na disputa, interesses que eram subjacentes à reprodução do capital e às suas respectivas burguesias. Desse modo, Alemanha, Áustria-Hungria, Itália (Tríplice Aliança) e França, Inglaterra e Rússia (Tríplice Entente), justificando-se através do discurso nacionalista apresentavam os interesses da burguesia em expandir suas condições de explorar mais-valia e seus mercados com a conquista de novos territórios como interesse de todos. Essas considerações acerca do caráter imperialista da guerra fizeram com que se avolumassem motivos para a dissidência interna no partido por um lado e por outro os acontecimentos que logo se deram na parte oriental da Europa trouxe à tona novas expectativas aos revolucionários.

Na Rússia, a revolução se deflagrara a partir dos soviets e aumentou as expectativas de que o mesmo ocorresse na Alemanha. Nesse último, houve a formação de diversos conselhos operários que se organizavam autonomamente, buscavam o controle geral da produção e a consequente socialização dos seus meios e produtos. Na Revolta de Kiev, na Alemanha, foram essas as organizações em que se reuniam marinheiros e operários. Os acontecimentos no interior desses conselhos levou com que Pannekoek constataste o papel pernicioso dos membros dos partidos e sindicatos nesses e a constante ameaça que representavam ao processo revolucionário. Enquanto os partidos socialdemocratas resistiam em dar apoio à auto-organização do operariado devido a essa impedir o seu controle, que é o que interessa às direções dos partidos (PANNEKOEK 1918).

É importante observar que Pannekoek ainda acreditava que o processo que estava ocorrendo na Rússia era a esperada “ditadura do proletariado” e caberia a Liga Spartacus e aos internacionalistas de Bremen, que formaram o Partido Comunista, por mais que tivessem discordâncias com os bolcheviques, desempenhar o seu papel na

e outros que tinham à frente Rosa Luxemburgo. “Esta, opondo-se ao voto dos créditos de guerra dado pela social-democracia, articula-se com outros internacionalistas, promovendo a Conferência de Zimmerwald (na Suíça), na qual é definida a luta contra a guerra e pela mudança revolucionária da estrutura capitalista da sociedade” (TRAGTENBERG 1989, p.29). A Liga Spartacus e os internacionalistas de Bremen depois se fundiram e criaram o Partido Comunista Alemão.

revolução da Alemanha¹¹. O partido do operariado, então, era naquele momento para ele o que exerce o governo em seu nome. Transformando a revolução burguesa que ocorria na Alemanha em efetiva revolução operária. Porém já discordava da ação parlamentar e da convocação da Assembleia Nacional, defendida pelos “partidos burgueses”, mas não negava a necessidade de uma transição conhecida como “ditadura do proletariado” na construção do seu “poder social”.

Logo a Revolução Russa burocratizou-se e constituiu uma nova classe no poder que segundo Pannekoek é a tecnoburocracia¹². Essa foi criada a partir do partido político que em nome do operariado, em outubro de 1917, toma o Estado. Pannekoek deixara claro o quanto o bolchevismo se afastara do que entendia como ditadura do operariado. Transformando em ditadura de um partido no poder o que segundo ele seria uma transição em que se transferiria o domínio da sociedade da burguesia para o operariado (PANNEKOEK, 2007, p.97). O processo se tornara mais claro conforme se desdobrara os acontecimentos e levou Pannekoek a uma terceira caracterização dos partidos políticos; esses são organizações construídas em torno de certas ideias políticas, que, agrupam pessoas que mantêm pontos de vista semelhantes, mas não se confundem com a classe. Visto que essa tem sua condição determinada pela função que os indivíduos

¹¹ Nos primeiros anos da Revolução Russa o processo ter sido deflagrado pelos soviets fez com que marxistas como Rosa Luxemburgo e Anton Pannekoek fossem por algum tempo ofuscados pela ação dos bolcheviques. Já que esses se rotulavam como marxistas e substituíam um governo provisório em nome da ditadura do operariado. Exatamente o que Pannekoek sugeria que se fizesse na Alemanha em 1918. Porém, o autoritarismo destes e a burocratização do processo, logo deixou às claras os verdadeiros interesses do partido bolchevique.

¹² A Revolução Russa ocorreu em circunstâncias de um operariado incipiente e um capitalismo pouco desenvolvido. Havia uma burguesia, presente nos poucos centros industriais da Rússia, incapaz de realizar a ruptura com o Estado czarista. Só restando a ação do operariado na criação de condições modernizadoras daquele país. “O resultado é que, logo após a revolução, a ‘eficácia’ do partido leninista, que até então se limitara a aparelhar as organizações de massas, se estende e se afirma como ‘ditadura do proletariado’. Uma nova classe dominante, os tecnoburocratas ou gestores, assume o poder em nome do proletariado e mantém, no essencial, as relações de produção/exploração capitalistas, mudando apenas sua forma superestrutural ou jurídico-política: o capitalismo de mercado se transforma em capitalismo de Estado” (PANNEKOEK, 1936). Deve-se definir se é capitalismo de mercado ou de Estado constatando-se o caráter da classe que é proprietária e em que medida tem o pleno controle do capital. O que não é possível se considerada exclusivamente sua forma interna de administração ou o grau de ingerência do Estado na economia (PANNEKOEK, 1937). Então a tecnoburocracia, os gestores, ou a burocracia, termos com os quais Pannekoek caracteriza uma mesma classe, será a classe dominante se detiver a propriedade e o controle dos meios de produção apropriando-se da mais-valia. No caso do processo posterior a Revolução Russa (1917) isso era realizado pela burocracia do partido único.

desempenham na produção, onde se cria e desenvolve interesses comuns, entre eles, a autogestão social¹³ (PANNEKOEK 1936). Os partidos políticos não objetivam outra coisa que não seja impedir a ação do operariado e dirigi-los.

Os partidos operários só têm um objetivo: tomar o poder e exercê-lo. Não contribuem para a emancipação do proletariado, pois sua meta é governá-lo. Mas apresentam seu domínio como se fosse a autêntica emancipação do proletariado. Tais partidos são aparelhos que lutam pelo poder e, após enquadrar os militantes na linha justa, utilizam todos os meios, visando à constante expansão de sua esfera de influência (PANNEKOEK 1936).

Os partidos na tentativa de alcançar esses objetivos reproduzem a separação entre trabalho intelectual e trabalho material, dirigentes e dirigidos (PANNEKOEK 1936). Não constringendo a manutenção da sociedade de classes. Os partidos leninistas colaborando na reprodução disso criaram “revolucionários profissionais” que segundo eles expropriariam os capitalistas em nome do operariado. Tendo raízes na concepção leninista da consciência onde “o portador da ciência não é o operariado, mas a intelectualidade burguesa” (LÊNIN 1970 p.50). Em síntese isso é a negação do marxismo como expressão teórica da revolução do operariado onde a consciência de classe não vem externamente à classe, mas se dá na sua luta contra a exploração capitalista já que não estão desvinculados o ser social e a consciência. Enquanto no bolchevismo é o partido político quem traria a consciência de classe ao operariado. Já que o operário, para Lênin, está sempre ocupado demais para que conheça a lógica que é própria à política. Os “revolucionários profissionais” que, entre outros critérios, deviam passar pela doutrinação do partido, é quem conscientizaria o operariado.

Pannekoek já alertava o quanto essa dicotomia entre ser social e consciência tem seu fundamento na divisão social do trabalho. Subordinando os operários aos intelectuais e atribuindo a estes a função dirigente. Essa concepção bolchevista interessa, sobretudo,

¹³ Os partidos políticos, sindicatos, associações foram criados pela classe operária em meio a sua luta (PANNEKOEK 1938, P.61-62). No decorrer do tempo essas organizações passaram por mudanças na medida em que eram assimiladas pelo capitalismo. A criação da democracia partidária, o processo de burocratização pelos quais passaram os partidos e a reprodução da separação entre dirigentes e dirigidos, traz consigo o descrédito a essas formas de luta e a necessidade de construção de novas formas de se organizar. No surgimento dos partidos sua forma de organização podia ser confundida com a classe. O que ocorreu com o operariado, que, acreditava poder fundi-los (PANNEKOEK 1936). No entanto, à medida que os partidos eram contidos pelo reformismo, o operariado se afastou dessas formas de organização.

à burocracia partidária que pretende perpetuar-se no comando da instituição, seja ela o partido ou o Estado.

O leninismo e seu manual filosófico servirá então, com o nome de marxismo, para intimidar os operários e para impor-se aos intelectuais como um sistema de pensamento capaz de afastar as potências espirituais reacionárias. Assim, a classe operária em luta, apoiando-se no marxismo, encontrará no seu caminho este obstáculo: a filosofia leninista, teoria de uma classe que tenta perpetuar a escravidão e exploração dos operários (PANNEKOEK 1938 p. 62).

Os “partidos revolucionários”, denominação trotskista, se apresentam como a oposição dentro do bolchevismo ao leninismo e ao stalinismo. Sua promessa é que na sua vez de tomar o Estado fará com que esse funcione em favor do operariado, o que aqueles a que se opõem não estariam fazendo. No entanto, Pannekoek demonstra que, assim como o bolchevismo não é uma alternativa revolucionária ao reformismo socialdemocrata, também o trotskismo não é a oposição do operariado revolucionário ao bolchevismo. Inclusive nos termos em que coloca a questão do “partido revolucionário”. Já que

a expressão ‘partido revolucionário’ é, pois, uma contradição nos seus termos. Um partido seria revolucionário se o termo revolução significasse troca de governo ou, no máximo, tomada do poder por uma nova classe exploradora e opressora (PANNEKOEK, 1936).

A revolução é feita pelo operariado enquanto classe, ou seja, na historicidade das relações sociais. Não se admitindo, numa perspectiva revolucionária, o operariado enquanto conceito abstrato. Trata-se de homens e mulheres que submetidos a condições objetivas de exploração criam novas formas de organização que exigem sua participação direta da transformação da realidade ao invés da mediação representativa. O que explica a importância que o comunismo de conselhos dá às experiências operárias de autogestão social. Esta elimina a separação entre dirigentes e dirigidos e supera a existência das classes sociais. O que não pode ser realizado por qualquer organização que represente o operariado; partidos, sindicatos, cooperativas etc. Mas, somente pela livre associação dos produtores.

Diante disso, segundo Pannekoek, ao operariado restam duas alternativas: a continuidade da luta autônoma e a destruição do capital ou seguir as palavras de ordem, tornar-se passivo e esperar que o partido faça a revolução por eles. A segunda alternativa, no século XIX, geralmente serviu-se do operariado para iniciar revoluções e

depois o enclausurá-lo novamente nas suas obrigações cotidianas. Chegando ao poder, o partido cerca-se de todos os modos, para que não seja importunado e não perca a posição que conquistara. Na democracia representativa, antes mesmo de alcançá-la, assumirá uma posição pluriclassista e fará alianças que garantam a “governabilidade”. Quanto à primeira alternativa, criada pelo próprio operariado, com experiências como a Comuna de Paris são “transformações [que] atingem as próprias bases da sociedade, todos os seus costumes e as suas práticas, muito além das modificações provisórias que resultam dos atos parlamentares” (PANNEKOEK 2007 p.33). Exigindo que se organize autonomamente, controlando a produção e a estabelecendo a partir das necessidades humanas. Sendo que a revolução é um processo que se dá nas relações cotidianas de negação do capitalismo, e não o resultado da ação dos partidos políticos.

Essas três concepções de partido político de Anton Pannekoek demonstram as suas mudanças diante das condições colocadas pela luta de classes. No entanto em toda a sua produção o objetivo é a construção da autogestão social. Foi a partir desse critério que pautou sua análise da ação dos partidos políticos em meio às lutas do operariado. Tendo as greves políticas da Bélgica (1893), na Rússia (1905-1917) e na Alemanha (1918-1919) sido fundamentais para que compreendesse a necessidade de se criar métodos de lutas que substituíssem os “partidos” e as “greves parciais”. Com isso a ação parlamentar dos partidos políticos, demonstrava-se incapaz de realizar “reformas socialistas” que se diferenciasssem das reformas burguesas, como esperava Pannekoek.

Em Anton Pannekoek, o partido foi considerado um meio para que o operariado constituísse a autogestão social e jamais um fim em si mesmo. Foi a passagem da democracia censitária para a democracia partidária que intensificou a burocratização dos partidos políticos e levou com que o operariado buscasse formas de organização que substituíssem a ação parlamentar desses. Havia entre as necessidades do operariado demandas que só poderiam ser atendidas em uma suposta “ditadura do proletariado”. No que passaria a apostar exclusivamente em substituição a ação parlamentar, diante do que vira na Bélgica, Rússia e Alemanha. No entanto na medida em que a “ditadura do proletariado” na Rússia tornou-se indesejável ao operariado por constituir uma nova classe social encarregada da exploração desta classe, passará a predominar na sua

concepção a necessidade da criação de organizações autônomas do operariado em luta; os Conselhos Operários.

Referências

ARRIGUI, Giovanni. *O Longo Século XX: Dinheiro, Poder e as Origens de Nosso Tempo*. Tradução de Vera Pinheiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.

LÊNIN, V. I. *Que Fazer?* Santos/SP, Estampa, 1970 [Biblioteca do Socialismo Científico].

LUXEMBURGO, Rosa. *Reforma ou Revolução?* São Paulo, Expressão Popular, 2003.

MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo, Global, 1986.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã- Teses Sobre Feuerbach*. São Paulo, Moraes, 1984.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo, Martin Claret, 2003.

MICHELS, Robert. *Sociologia dos Partidos Políticos*. Brasília, UnB, 1982.

PANNEKOEK, Anton. *Ações de Massas e Revolução*. 1912, Site Internacional dos Grupos de Comunistas de Conselhos da Galiza. Disponível em: <http://www.geocities.com/> Acesso em: 01 dez.2009.

PANNEKOEK, Anton. *A Luta Operária e a Tarefa dos Conselhos Operários*. In: VIANA, Nildo (org). *A Revolução dos Trabalhadores*. Desterro/SC, Editora Barba Ruiva, 2007.

PANNEKOEK, Anton. *A Propósito do Partido Comunista*. 1936b, Site Internacional dos Grupos de Comunistas de Conselhos da Galiza. Disponível em: http://www.geocities.com/comunistasdeconselhos/P_pc.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *Capitalismo de Estado y Dictadura*. 1937, Tradução do Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques. Disponível em: http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/indice.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *Duas Cartas ao Grupo Socialisme ou Barbarie*. 1953, Site Internacional dos Grupos de Comunistas de Conselhos da Galiza. Disponível em: http://www.geocities.com/comunistasdeconselhos/P_cartas.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *Esperanza em el Futuro*. 1912b, Tradução do Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques. Disponível em: http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/esperanza.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *Hay Reformas y Reformas*. 1908, Tradução do Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques. Disponível em: http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/reformas.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *La Revolución Alemana- Primera Fase*. 1918, Tradução do Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques. Disponível em: http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/revolucion_alemana.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *Lênin, Filosofo*. Amsterdã, 1938. Disponível em: http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/indice.htm Acesso em: 30 out. 2008.

PANNEKOEK, Anton. *Partido e Classe*. 1936, Site Internacional dos Grupos de Comunistas de Conselhos da Galiza. Disponível em: http://www.geocities.com/comunistasdeconselhos/P_partido.htm Acesso em: 30 out.2008.

PANNEKOEK, Anton. *Teoria Marxista e Tática Revolucionária*.1912c, Site Internacional dos Grupos de Comunistas de Conselhos da Galiza. Disponível em: <http://www.geocities.com/> Acesso em: 01 dez.2009.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões Sobre o Socialismo*. 3º Edição, São Paulo, Moderna,1989.

VIANA, Nildo. *Neoimperialismo: Relações Internacionais e Acumulação Integral*. In: Revista Antítese- Marxismo e Cultura Socialista nº1, Goiânia/GO, CEPEC, 2005.

VIANA, Nildo. *O Que é o Marxismo?* Rio de Janeiro:Elo, 2008.

VIANA, Nildo. *O Que São Partidos Políticos?* Goiânia/GO, Germinal, 2003.

VIANA, Nildo. *Senso Comum, Representações Sociais e Representações Cotidianas*. Bauru, SP, Edusc, 2008b.